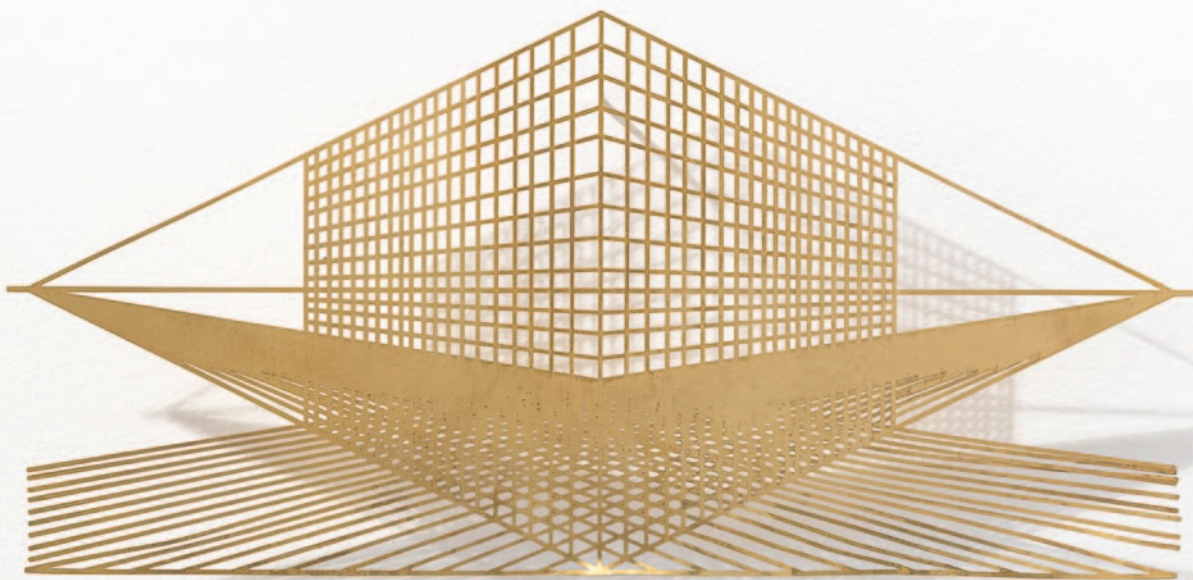


# “Dados, mapeamentos e circuitos expressos” Individual de Marcela Crosman na Aura Galeria, SP



*Dados, padrões e probabilidades, 2018*

Edição: 3 + pa

Com texto crítico de Agnaldo Farias, a exposição parte de impasses atrelados às tensões entre criatividade e automação, esgarçando perguntas quanto aos processos de construção digital da imagem plástica e de exercícios de repetição e saturação ensaiados por modelos artificiais. Ao se envolver em tramas algorítmicas alusivas aos mapeamentos frenéticos que reordenam o papel autônomo da es-

colha em nome de percursos enviesados, Marcela se volta ao preâmbulo desses circuitos e coloca em xeque a própria lucidez que conduz a fantasiosa cisão entre real e digital enquanto paralelo de realidade e ficção. Já afrouxadas as distinções, os maniqueísmos caducam e a realidade esbanja o movimento contrariado de certo desajuste bem resolvido que desaba essas convenções.

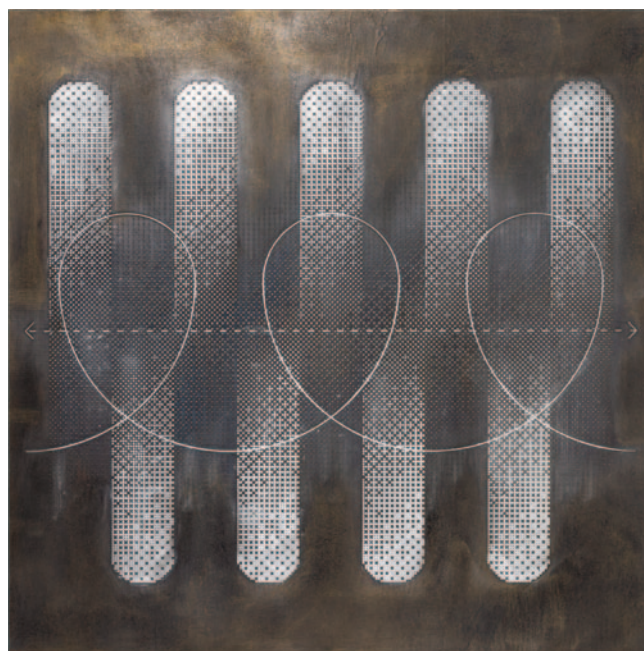


*Quanta XV, 2024*

Edição: 3 + pa

Se o *grid*, enquanto estrutura vital da arte moderna, aponta para direções opostas de compreensão – da pretensa purificação do *tableau* na sua relação com o mundo, por um ângulo, que o tornaria um todo em si mesmo e, por outro lado, como parte de uma totalidade maior da qual ele se edifica enquanto fragmento de relações mais amplas –, Marcela parece recorrer sempre a trabalhos que se constituem enquanto unidades integrantes do mundo. Seja na tridimensionalidade falseada garantida pela série *Quanta*, que soa como um trocadilho às narrativas teleológicas do plano

que deram chão a todo um setor da crítica de arte modernista, ou nos stills tridimensionais baseados em vídeos montados num espaço digital e inteiramente planar, de *Meio da Jornada*, os trabalhos exercitam algo de uma vocação entrópica que desorienta os termos dados. Afinal, em que medida ainda há algum sentido em especular sobre a realidade sem pensar o espaço digital enquanto campo ativo da sua integridade? E até que limite as convenções modernas ainda dão conta do discurso sobre arte?



*Metagraph IV, 2024*

Edição: 3 + pa

### SOBRE A ARTISTA

Marcela Crosman transita entre dinâmicas alternativas à realidade datificada. Com objetos tridimensionais e instalações, materializa circuitos críticos – hastes, planos e vetores moldados – que exercitam uma espécie de válvula de escape às direções indicadas por algori-



*Sistêmica*,  
2024  
Edição: 3 + pa

tmos. Ao lidar com os paralelos entre tecnologia digital e design, esboça protótipos de colaboração criativa com sistemas de Inteligência Artificial e investiga a complexidade dúbia dessa relação entre criatividade e automação. Feito máquina, a vida em um mundo dominado por certa obsessão produtivista colide em determinado tapume nivelador de produzir a existir: consente ao digital o domínio sobre o concreto. E a pesquisa de Marcela, por sua vez, parece procurar por um trato mais horizontal desse nexos. Máquina e comunicação visual são capazes de habitar conjuntamente o mundo. Se, cada vez mais, a vida migra para uma realidade ficcional, os trabalhos de Marcela parecem ainda crer em uma experiência concreta no mundo pós-digital.

Carioca (1983), vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ. Doutoranda em Artes e Design pela PUC-Rio, participou de exposições como *“Futurível”* (Aura Galeria, São Paulo,

2023); *“Chapel of Tears”* (Wilmington, Delaware/EUA, 2023); *“Mátria”* (Parque das Ruínas, Rio de Janeiro, 2022); *“Mostra coletiva EAV”* (Parque Lage, Rio de Janeiro, 2021); *“Estéticas”* (Parque das Ruínas, Rio de Janeiro, 2022), *“Ocupação”* (Casa França Brasil, Rio de Janeiro, 2019); *“Imaterial”* (Casa Voa, Rio de Janeiro, 2018); dentre outras. Teve, durante a edição de 2023 da ArtRio, um trabalho selecionado para compor a coleção do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA, Rio de Janeiro).

#### **TEXTO CURATORIAL DE AGNALDO FARIAS**

Fundamento do trabalho de Marcela Crosman, a Inteligência Artificial – IA, tanto atrai quanto assusta. A história, contudo, também se presta a contrariar as mentes apocalípticas, as previsões aterrorizantes, ensinando que não é para tanto, que não se trata do fim dos tempos, ao menos não dessa vez, ou não por causa disso. É provável que seja o fim de alguns dos nossos

mundos, pois eles são muitos, isso sim. Sobre isso, basta lembrar a saga de Pius Mau Piailug, morador da Micronésia, que em 1976 navegou sozinho do Havaí ao Taiti, sem nenhum equipamento moderno; um mês guiado exclusivamente por sua memória e capacidade de ler o mar aberto, as correntes, as cores das águas, os pássaros e peixes, a posição das estrelas. Até onde se sabe foi o último portador dessa ciência; o último representante de um mundo.

Quanto a nós – e cuidado com a generalização que esse pronome carrega embutido – um dos mais representativos avatares de um novo mundo tenha sido o ciborgue *Model 101 – 800 series Terminator*, brilhantemente encarnado pelo Schwarzenegger em *O Exterminador do Futuro*.

Revoluções assemelhadas a essa provocada pelo IA, aconteceram inúmeras vezes. O nascimento da escrita, para ficar numa passagem vaga e obscura, colocou a memória, e com ela as técnicas mnemônicas, sob risco. Mnemosine, irmã de Cronos – o tempo, poderosa deusa grega que regia a memória, mãe das musas e das ciências, foi sendo progressivamente rebaixada. Pois Friedrich Nietzsche não via a coisa assim, antes o contrário: a perda da memória liberaria a razão do peso de ter que se lembrar. Graças a isso, conseguiu inventar uma nova forma de escrita, de fazer filosofia, de pensar.

Para os perplexos diante dos algoritmos generativos, capazes de responder a qualquer pergunta que se lhe faça, seja ela inteligente ou estúpida, conviria lembrar



*Transitórias VII, 2024*

Edição: 3 + pa

que as assim chamadas técnicas de tradução de um idioma para outro – *Natural language processing*, ou *NLP* –, de palavra para palavra, de imagem para palavra, de som para desenho etc, começaram quando o mundo passou a ser transposto para sons articulados, para desenhos nas paredes das cavernas, ou seja, quando se inventou a linguagem. A propósito desse tema, tem-se Octavio Paz: “o homem é um ser que se criou ao criar a linguagem”. Portanto, para quem imagina que a

relação conflituosa entre homem e máquina, remonta à Revolução Industrial, convém recuar ao primeiro instrumento produzido ou apropriado, dá no mesmo, entendido como extensão do homem. Defendendo a singularidade do instrumento livro, Jorge Luis Borges escreveu: *Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua vista; o telefone é extensão da voz; depois temos o arado e a espada, extensões de seu braço. Mas o livro é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.*

Seguindo a linha de raciocínio adotada até aqui, as obras apresentadas por Marcela Crosman, extraídas a partir de especulações sobre gráficos, diagramas, mapeamentos, varreduras, circuitos, somadas as múltiplas possibilidades abertas por programas de Design Generativo, programas voltados ao desenvolvimento de modelos paramétricos, têm a ver com a imaginação. Dizem respeito a expressão, à subjetividade da artista e a plasticidade do pensamento abstrato, deles não se deve procurar rebatimento no real, como se um mapeamento com pretensões de fidelidade ao objeto mapeado. O que está em jogo é a exploração da natureza dessa linguagem, exercício conectado com as



circunvoluções, meneios, tateios envolvidos na expansão da linguagem, nas traduções ocorridas, no lento processo dispendido na sua depuração.

As três peças que compõem *Dados, padrões e probabilidades*, de 2018, correspondem a três gráficos, não se sabe de quê, a qual fenômeno ou fenômenos correspondem. As regularidades dos intervalos entre as linhas horizontais sugerem um padrão repetitivo, e os picos existentes nos dois desenhos da direita, uma alteração, um pulso cujo ataque tem a mesma extensão da queda. Correspondem a alguma paisagem física ou algum sinal elétrico? Não se pode saber. Qual sua validade, então? Pense-se nas arquiteturas propostas por Frank Gehry e Zaha Hadid a partir do software CATIA, a flutuação dos planos curvos com que ambos a libertaram da linha reta e da ortogonalidade. No caso de Gehry, abusando da ironia ao aproximar a arquitetura do corpo de um peixe.

A aventura plástica proposta pela artista leva a pensar na liberdade da matemática no estabelecimento de abstrações da natureza ou na fixação de entidades dotadas de propriedade por meio de axiomas. A artista fazia a matemática pura e suas conjecturas desenvolvidas sem preocupações de aplicabilidade embora muitas vezes, inesperadamente, terminem sendo úteis. *Processa* e *Metagraph I, II, III, IV*, correspondem a gráficos. O primeiro deles, realizado em chapa de inox, refere-se a passagem de um grid para um pix, portanto, a sobreposição de dois sistemas de notação, quanto ao segundo, quatro chapas quadradas de latão recobertas

com nitrato de prata, compondo padrões geométricos, vale-se da utilização de dados criptografados, dados que foram codificados e que só podem ser lidos com chave de acesso.

*Quanta XV*, três peças de latão, será imediatamente reconhecido pelos físicos e admiradores da obra de Tunga, como um Toro, espaço topológico que tem o formato de uma aliança grossa, de uma câmara de pneu; enunciado de modo técnico, uma superfície plana, circular, rotacionando em torno de uma circunferência. No âmbito do eletromagnetismo, enrolando-se um fio no corpo de um toro metálico, aplicando-se sobre esse fio uma corrente elétrica, o Toro se converterá num ímã. O Toro, importante lembrar, tem correspondência com a Faixa de Moebius, alvo da atenção de Lygia Clark, a partir de seu trabalho *Caminhando*, de 1964.



*Processa*, 2024

Jacques Lacan, em seu texto *A topologia e o tempo* (Seminário 26), discorre sobre a passagem de um Toro em uma Faixa de Moebius.

A família de esculturas e relevos *Sistema Transitório II* e *Transitórias*, relacionam-se com diagramas de circuitos elétricos. Embora não façam sentido do ponto de vista de sua aplicação – não trazem a notação de capacitores, aterramentos etc –, referem-se a esquemas de condução de energia. Os escultores modernos, como Constantin Brancusi e Henry Moore, operavam sobre o corpo humano, reinventando-o, explorando-o, no caso de Moore, levando-a a uma espécie de fusão com a paisagem. A artista alude a paisagens internas, esquemas abstratos que são guias para a proposição de circuitos.

As esculturas pertencentes a série *Espécula*, todas elas chapas de inox recurvadas, parcialmente perfuradas, pela sua organicidade, aludem diretamente a corpos. Espéculos são instrumentos mediante os quais o médico pode examinar o interior de uma cavidade do corpo de um paciente. Para cada uma de nossas cavidades foram criadas várias espéculas. Mais uma vez, o que está em questão aqui não é a eventual utilização desses instrumentos mas o que sugerem. Colocando o problema em perspectiva, como os médicos de antigamente encarariam os instrumentos de agora? Faria-lhes sentido de imediato? Seria mais fácil reagir como os filmes de ficção científica mais fantasiosos, em que os nossos descendentes, atarantados, deparam-se com

naves espaciais alienígenas, cujos comandos e modos de funcionamento ignoram.

A visita a essa exposição de Marcela Crosman leva a pensar que mapeamentos e diagramas são convites feitos pela imaginação para viagens pelo vasto território da linguagem, constituído pela nossa capacidade de replicar e gerar novos mundos.

### SERVIÇO

*“Dados, mapeamentos e circuitos expressos”*

**Marcela Crosman**

Até 1º de novembro

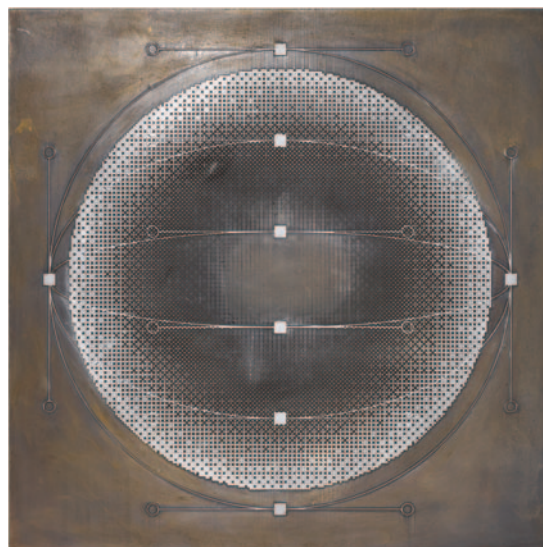
*Aura Galeria*

Rua da Consolação, 2767, Jardins, São Paulo / SP

Tel. e whatsapp: (11) 3034-3825

*Dias/Horários:* segunda a sexta, das 10h às 19h;  
sábado, das 11h às 17h

<https://aura.art.br/exposicoes-aura/toca-obra-928rm/marcela-crosman-2024>



*Metagraph II, 2024*

Edição: 3 + pa